



O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

"O CAMPONÊS" ENTRA NO SEU XIV ANO DE PUBLICAÇÃO

Ao completar treze anos consecutivos de publicação, apesar dos grandes obstáculos que o regime de opressão e de exploração de Salazar lhe impôs, «O Camponês» dirige-se a todos os seus leitores expressando-lhes as melhores saudações e apelando para uma ajuda sempre maior. Este auxílio a «O Camponês» está sendo compreendido por alguns dos nossos amigos que nos enviam constantemente informações e mesmo artigos que enriquecem o conteúdo do nosso jornal. A esses nossos amigos sa devem também os progressos realizados na difusão de «O Camponês».

Mas precisamos que muitos outros leitores nos ajudem. Em especial dirigimo-nos a todos os agricultores e operários agrícolas do Norte e Centro do país para que mandem para o seu jornal a descrição das suas lutas e das suas aspirações, e para que alarguem a sua difusão.

Em relação à ajuda monetária, que é indispensável, «O Camponês» lançou recentemente uma campanha especial para a recolha rápida de milhares de escudos. Para melhor fazer essa recolha foram já distribuídas, pelos nossos amigos, listas que deverão receberão dadas as camadas que vivem do seu trabalho na terra, a que se unam e lutem pelas suas justas aspirações. A sua acção será uma contribuição necessária e decisiva para a criação duma vida feliz nos campos.

OS CAMPONESES COMEMORAM

A JORNADA INTERNACIONAL DO TRABALHO

Ao passar mais um 1º de Maio, os camponeses procuraram comemorar esta data festiva e de luta dos trabalhadores.

O facto de calhar a um domingo permitia tornar esta comemoração uma grande festa de confraternização, mas a chuva contrariou muitos projectos. Apesar da chuva, porém, em muitos lados foi este ano comemorado com maior largueza o 1º de Maio.

Entre as notícias que recebemos queremos destacar:

Na região de AVIZ, onde foram deitados muitos foguetes, fizeram-se duas reuniões, uma delas com mais de 60 trabalhadores de diversas terras. Foram levantados os problemas do contrato colectivo para o operariado agrícola e a necessidade da unidade com as mulheres.

Na região de MORA realizou-se também um importante pic-nic que juntou muitos camponeses.

Na região de CORUCHE MAIS DE 1.600 PESSOAS juntaram-se perto do Couço. De manhã tinham

estralejado foguetes e por volta do meio dia apesar da chuva que caía, foram-se concentrando grandes grupos. Dançou-se e brincou-se num ambiente de grande alegria. Ao mesmo tempo falou-se no significado do 1º de Maio, na importância para os trabalhadores do campo da conquista dum contrato colectivo de trabalho, da luta por aumento de jornas e da unidade

dos trabalhadores das diversas terras. No final desta grandiosa manifestação, toda a gente, ao voltar para suas casas, vinha satisfeita e entusiasmada com a unidade e espírito de luta evidenciados. Uma camponesa idosa afirmou: «Tenho apanhado muita molhadela mas nenhuma com tanto gosto como esta e por isso eu digo: Viva o 1º de Maio!»

ELEVEMOS AS JORNAS NAS CEIFAS

As primeiras informações sobre as ceifas mostram a vontade do operariado agrícola em conquistar melhores jornas.

Informam-nos que em SOUSEL, CANO, ALCORREGO e outras terras realizaram-se reuniões de ceifeiros e ceifeiras para discutir a necessidade da unidade dos trabalhadores, a forma de conseguir contratos colectivos para as ceifas e a conquista duma melhor jorna.

Sabemos que na região de ERVIDEL, no dia 8 de Maio os ceifeiros recusaram-se a ir trabalhar por 25\$00 tendo conquistado 38\$00 no dia seguinte. No mesmo dia 8 de Maio, em MONTE-MOR-O-NOVO, logo nos primeiros trigos, os ceifeiros conquistaram 35\$00. Em BROTAS as primeiras jornas foram logo de 40\$00.

Lutemos, por todo o lado, unidos e organizados, por melhores jornas nas ceifas e para que as máquinas não trabalhem enquanto houver braços parados.

NUNCA OS ESQUEGEREMOS

No próximo mês passa o aniversário da morte de alguns companheiros nossos que jamais esqueceremos.

Em 9 de Junho de 1945, agentes da PIDE torturaram e assassinaram o operário da construção civil de Montemor-o-Novo, Germano Vidgal. Os camponeses de Montemor-o-Novo, 15 anos após este crime tão vil, não deixarão de recordar a memória deste valente operário que sempre defendeu corajosamente os interesses dos camponeses.

Em 20 de Junho de 1947 foi igualmente assassinado pela PIDE em Lisboa, o operário agrícola José António Patuleia, de S. Romão, Vila Viçosa.

Em 4 de Junho de 1950 foi morto a tiro pelo soldado da GNR António de Sousa, a mando do sargento Francisco Pires, o operário agrícola Alfredo Lima, de Alpiarça.

Em 23 de Junho de 1958 foi morto a tiro pelo sargento Francisco Ronge, o operário de Montemor-o-Novo José Adelino dos Santos.

Todos estes crimes serão um dia julgados e os criminosos terão de sofrer o seu justo castigo.

Todos os camponeses recordarão estas datas homenageando as memórias destes nossos companheiros, lembrando os seus exemplos e fortalecendo sempre a sua unidade e decisão de lutar.

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

Sabendo que só a luta trás melhores condições de vida, os operários agrícolas organizam-se e lançam-se na acção.

Em ALPIARÇA, no dia 17 de Abril, mais de 600 operários agrícolas concentraram-se na praça de jornas decididos a lutar por 40\$00. Os agrários só queriam dar 35\$00 mas os trabalhadores recusaram-se. Na segunda-feira, dia 18, fizeram greve toda a manhã até à altura em que os agrários ofereceram os 40\$00.

Em MORA, no dia 25 de Abril, depois duma reunião de 60 trabalhadores em que combinaram pedir a jorna de 40\$00, os operários agrícolas concentraram-se na praça de jornas e conquistaram 35\$00 e 40\$00 para os homens e 25\$00 e 25\$00 para as mulheres.

No COUÇO, um rancho de 40 mulheres ao ir para o trabalho foi acompanhado por mais 20 tendo-se todas combinado que ou ferravam todas ou nenhuma. O agrário não queria dar trabalho às 20 mulheres mas ante a unidade e firmeza de todas, deu-lhes trabalho pagando 25\$00. Em outras herdades onde trabalham ranchos de fora as mulheres têm ferrado juntamente com esses ranchos e assim conquistam trabalho.

O ex-presidente da Câmara de Coruche, Dr. Prates Ribeiro foi à Casa do Povo do Couço falar a um rancho de trabalhadores oferecendo 30\$00, 2 decilitros de água-pé e transporte. Os trabalhadores pediram 35\$00 e em vez da água-pé 2 decilitros de azeite. Como o Dr. Prates dissesse que não podia por-

que ainda tinha o vinho do ano passado, os trabalhadores responderam muito bem que se eles ganhassem melhor já tinham dinheiro para lhe comprar o vinho e outras coisas que tivesse.

Nos arredores de GRÂNDOLA um rancho de mulheres recusou-se a ir para os trabalhos do arroz ganhar 18\$00 e conquistou 20\$00. Em outro lado duas dezenas de homens e mulheres que ganhavam na cava da vinha 20 e 10\$00 respectivamente conquistaram 22 e 11\$00.

Nesta região, logo nas primeiras ceifas do trigo, os trabalhadores conquistaram, 45\$00 e 50\$00.

Em BALANGE (Alcacer do Sal) um rancho de mulheres que trabalhava no arroz para o agrário Joaquim Nuncio, reclamou e conquistou o pagamento de meio dia aos domingos.

No ESCOURAL, na propriedade das Freiras, um rancho de 20 homens que trabalhavam numa earvoaria ganhando 22\$00 pediu aumento de salário para 25\$00 e conseguiu-o.

Estas e outras lutas levadas a cabo pelos operários agrícolas indicam bem a possibilidade de conquistar muitas outras vitórias. Para isso é necessário alargar cada vez mais a unidade, a qual só pode alcançar-se através de pequenas e grandes reuniões em que participem homens e mulheres, para todos unidos assentarem nas jornas a pedir ou combinar outras acções em defesa dos seus legítimos interesses.



JOSÉ ADELINO DOS SANTOS

EXIJAMOS TRABALHO

NAS PROPRIEDADES QUE NÃO ESTÃO SENDO CULTIVADAS

Alguns trabalhadores desempregados dirigiram-se a um proprietário, António Maria, que tem uma herdade que há mais de 20 anos não é limpa, e pediram-lhe trabalho.

A resposta cínica do agrário foi de que «trabalho para 3 dias, um copo de água e um tiro não se nega a ninguém».

É deste modo que certos grandes proprietários não só fazem a miséria como impedem o desenvolvimento da agricultura.

Nessa herdade, como em tantas outras que se encontram cheias de matos, podiam empregar-se muitos trabalhadores que não têm onde utilizar a força dos seus braços. Deste trabalho resultaria uma co-

lheita de produtos que aumentaria a produção agrícola do país. Beneficiavam os trabalhadores que ganhariam uma jorna, beneficiava todo o povo que teria mais que comer.

A resposta malévoa deste proprietário não nos pode fazer recuar. O que temos de fazer é fortalecermos a nossa unidade e irmos em grande número exigir trabalho nas propriedades que não estão a ser cultivadas.

A terra é para ser trabalhada e não para estar dezanadas de anos abandonada ao mato. Os interesses dos trabalhadores coincidem com os interesses de toda a Nação que quer o Progresso e o Bem-Estar do Povo.

Ó ZÉ



— A deus, ó Zé, como vai essa saúde?
 — Eu cá vou bem e tu, Toino?
 — Ora, ando para aqui com os miolos ralados em ver tantas malandrices e injustiças.
 — Conta lá Toino, o que te afflige.
 — Ó Zé, que direito há de meia dúzia fazer a vida negra a milhões? Que direito há em a GNR bater a torto e a direito nos trabalhadores?
 — Ainda bem, Zé, que falaste na GNR pois gostava de te falar nesse assunto. Em geral nós olhamos para a GNR sem pensar que entre eles há gente honesta que compreende a nossa situação. Ora nós precisamos de separar o trigo do joio.

— Ó Zé, como queres que a gente compreenda isso se a GNR nos persegue sem dó nem piedade. Há lá direito que nos batam e nos torturem! Então não havemos de sentir as suas pancadas e as feridas das suas balas?
 — Sim, Toino, a GNR é uma corporação que tem por fim a defesa dos interesses do governo e, no campo, dos grandes agrários. Por todo o lado a GNR exerce um poder absoluto. Como tu dizes eles prendem, julgam e castigam sem que ninguém possa dizer nada. Muitas injustiças e barbaridades têm sido cometidas. Por isso há um grande ódio contra a GNR e em todo o lado devemos protestar com força contra a sua acção repressiva.

— Assim gosto de te ouvir, Zé. Eu cá tenho sempre dito que se prendem injustamente um trabalhador, temos que o arrancar da prisão e impedir que batam e torturem.

— Tens razão, Toino. Mas ao mesmo tempo que lutamos contra a repressão, devemos ver que há guardas que não estão de acordo com o que fazem. A GNR, como te disse, actua contra os trabalhadores porque é mandada pelos grandes agrários e o seu governo. Alguns dos seus elementos, principalmente oficiais e graduados, tornam-se verdadeiros carrascos do povo. Alguns têm mesmo assassinado trabalhadores. Mas muitos guardas não esquecem que são filhos de camponeses e percebem que o que fazem contra os camponeses não corresponde aos seus próprios interesses. Estão na GNR mas ganham mal,

A REFORMA AGRARIA

Dum artigo de Georgui Traikov secretário geral dum dos partidos existentes na Bulgária — a União Agrícola Popular —, extraímos alguns dados de interesse sobre a situação dos camponeses.

Antes da Reforma Agrária, que se efectuou em 1946, a propriedade agrícola na Bulgária estava muito fraccionada, embora existissem grandes propriedades. Mais de um milhão de pequenas propriedades ocupavam área menor que 85 mil propriedades de camponeses ricos. A Reforma Agrária efectuou-se segundo o principio: «A terra para quem a trabalha». Foram expropriados aos latifundiários e mosteiros 250.000 hectares de terras. A maior parte foi distribuída por 130.000 camponeses pobres e jornaleiros; o resto foi entregue às fazendas do Estado e às cooperativas agrícolas de produção.

A formação de cooperativas sofreu um grande impulso com o novo governo popular pois foi na sua base que se procurou fazer a reestruturação socialista do campo.

A cooperativa agrícola é uma empresa socialista, embora com as suas peculiaridades. O camponês que entra na cooperativa entrega a sua terra sem deixar de ser seu dono. Se abandona a cooperativa (o que pode fazer quando quizer) pode recuperar a sua parcela. Mas enquanto for membro da cooperativa, a sua terra, como a de todos os outros, não é de usufruto individual, mas sim colectivo.

O rendimento da cooperativa é distribuído principalmente segundo o trabalho. Mas existem também rendimentos não provenientes do trabalho mas da renda da terra. À medida que as cooperativas se desenvolvem e aumentam os seus rendimentos, vai mudando a relação entre a parte recebida de acordo com o trabalho e a parte recebida como renda. Em 1958 já centenas de cooperativas concordaram, em assembleias gerais dos seus membros, renunciar à renda, passando a adoptar por completo o principio

A SITUAÇÃO DUM PEQUENO RENDEIRO

Eis os dados que consegui recolher sobre a situação económica dum pequeno rendeiro do meu distrito, Viana do Castelo. Pelo exemplo deste caso pode tirar-se qual é a situação em que vivem, as dificuldades em que se debatem tantos e tantos rendeiros.

O rendeiro que queremos citar tem alugadas 6 leiras pelas quais paga de renda 72,5 rasas de trigo.

No ano de 1959 semeou e obteve como produção as seguintes quantidades:

	Sementes	Produção
Trigo	10 rasas	40 rasas
Milho	4 "	160 "
Centeio	3 "	12 "
Feijão	1,5 "	7 "
Batata	100 quilos	350 quilos

Façamos as contas tendo em atenção os seguintes preços: Trigo 40\$00, Milho - 27\$50, Centeio - 26\$00, Feijão - 52\$00, tudo por rassa, preços estes sensivelmente os mesmos para as sementes e para a produção. O preço da batata de semente é de 2\$60 por quilo e o da produção é muito variável, mas não superior a 2\$00.

Despesa com a semente	926\$00
Aduhos e jornas	895\$00
(não incluindo as merendas)	
Pagamento da renda	2.900\$00
	4.721\$00
Valor da produção ...	7.376\$00
O rendeiro ganhou	2.655\$00
em todo o ano de 1959, o que dá	

dividindo pelos 365 dias, a miséria, de 7\$20. Quer dizer este rendeiro, e como ele tantos outros, teve de viver no ano de 1959, ele e a sua família, com 7\$20 por dia. Como é possível, com esta miséria, viver-se com gosto, desenvolver a agricultura, impulsionar o progresso económico do país?

Um agricultor do Minho

A PROPAGANDA E OS FACTOS

Tenho uma casita feita de terra, que em alguns sítios chamam taipa, e que está a cair. Como não tenho dinheiro para a mandar amanharr, ao ouvir falar que a Casa do Povo abonava dinheiro para os trabalhadores fazerem casas, fui falar com o Presidente da Casa do Povo. Este disse-me o que era necessário fazer. Comecei por dar as voltas precisas com dinheiro emprestado e eis a situação que me criaram: sou pai de quatro filhos, o mais pequeno de colo e a minha mulher não me pode ajudar; passo muitas semanas sem trabalho e às vezes, quando ando a trabalhar, é preciso perder dias para ir à Vila tratar do assunto das casas: já gastei mais de 2 contos de reis, que não tinha, na planta e na licença e agora fui informado de que tinha de arranjar quatro plantas iguais não sei para quê. Como já terminou o prazo da licença tenho de tirar outra e estou a ver que o dinheiro nunca mais vem. Não sei como descalçar esta bota. Estou empenhado, com as casas a cair e a ganhar 18\$00 e 20\$00 e muitas vezes sem trabalho.

Por isso, trabalhadores, já vemos que o governo como o de Salazar, não faz nada, é só propaganda. Só um governo verdadeiramente democrático que mobilize todos os recursos acumulados nos bancos pelos grandes monopolistas latifundiários poderá ajudar os trabalhadores a fazer as suas casas.

Hoje, mais do que nunca, devemos lutar pela demissão de Salazar e pela restauração em Portugal dum governo verdadeiramente democrático.

Um operário agrícola

NA BULGÁRIA

socialista de distribuição: segundo a quantidade e a qualidade de trabalho realizado.

Durante os primeiros anos as cooperativas formaram-se lentamente. O camponês individual observava o que lhe convinha mais. Mas quando elas se consolidaram e a sua produção média ultrapassava nitidamente a dos camponeses individuais, então deu-se uma entrada em massa para as cooperativas. Hoje a transformação socialista da agricultura na Bulgária está praticamente terminada.

Esta transformação assenta numa sólida base material e técnica. Enquanto em 1959 havia um tractor (potência média de 15 CV) por 2.400 hectares, em 1956 já havia 1 tractor por 200 hectares. Fundaram-se 208 estações de máquinas e tractores e forneceram-se mais de 28.000 tractores.

As terras de regadio aumentaram de 35.700 hectares (em 1939) para 450.000 hectares (em 1958). E só de Novembro de 1958 até Junho de 1959, os cooperativistas, por sua própria conta, tornaram de regadio mais 160.000 hectares.

De 1944 até 1957 chegaram às cooperativas mais de 10.000 especialistas com instrução superior, mais de 16.000 graduados das escolas agrícolas práticas e mais de 25.000 jovens com o curso das escolas de mecanização da agricultura. Também a industrialização do país se desenvolveu tendo em conta as necessidades da agricultura.

Como consequência do desenvolvimento da agricultura assente na Reforma Agrária e na transformação socialista do campo, a colheita aumenta constantemente. Por exemplo enquanto no intervalo 1934-39, a colheita média anual de trigo foi de 1.246 kg por hectare, em 1957 foi de 1.620 quilos. Para a cevada os números respectivos foram 1.300 e 1.800, para o milho, 1.171 e 1.700 e para o girassol 830 e 1.130.

Deste modo melhorou muito o

abastecimento da população e aumentou a exportação. Por exemplo antes da guerra a Bulgária exportava 7.000 toneladas de tomate, em 1958 exportou 100.000 toneladas.

Na produção pecuária também a Bulgária elevou muito a sua produtividade, ultrapassando de longe os seus vizinhos. Por exemplo, por 100 hectares de terras cultivadas, pastagens e prados, a Bulgária produz 14.699 kg de leite, 4.364 de carne e 134 de lã lavada, a Iugoslávia produz, respectivamente: 13.300, 2.500 e 67,8 kg, a Grécia: 10.000, 1.000 e 69 kg e a Turquia: 6.500, 200 e 37,2 kg.

Os membros das cooperativas vivem hoje bem, folgadoamente. Vivem tranquilos, sem receio do dia de amanhã. Os seus rendimentos, isentos de impostos, aumentaram quase 50% só de 1953 para 1957. Todos têm assistência médica gratuita.

Em fins de 1956 a Assembleia Nacional aprovou a lei de pensões por velhice para os membros das cooperativas. Todos os que trabalharam 25 anos no campo e atinjam a idade de 60 anos, para os homens ou de 55, para as mulheres, têm direito à pensão. Desse modo em 1957, cerca de 700.000 camponeses receberam pensões.

Ilustra bem a vida do camponês no regime cooperativo a construção de vivendas no campo. De 1945 a 1958 construíram-se mais de 415.000 casas, quase tantas como as edificadas na Bulgária capitalista durante 70 anos.

Tres quartas partes das casas camponesas têm electricidade e rádio. Quase não há aldeias sem escolas ou bibliotecas. 60% da população rural tem água canalizada nas suas casas. Todos os centros de ensino abrem as suas portas para os filhos dos camponeses.

Georgui Traikov termina o seu artigo afirmando que os camponeses búlgaros trabalham com a consciência de que o socialismo lhes traz a felicidade e o bem-estar.

MANIFESTAÇÃO

DEMOCRATICA

NO COUÇO E SANTA JUSTA

No dia 24 de Abril foi a S. Justa o destacado democrata Dr. Arlindo Vicente.

Ao passar pelo Couço, todo o povo veio saudá-lo enchendo de flores o carro onde seguia. Em S. Justa igualmente tudo saiu para a rua para o ver e aplaudir esse bom amigo do povo.

O dia 24 de Abril tornou-se assim uma grande jornada democrática para o Couço e Santa Justa. O povo destas duas terras evidenciou bem o desejo de todo o povo português de criar no nosso país um regime democrático.